

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
JORNALISMO**

JAIME MAGUETA VIANA LIMA

**DA CRACOLÂNDIA A OUTROS ESPAÇOS: UMA PERSPECTIVA
HUMANIZADORA SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS EM DOCUMENTÁRIO
AUDIOVISUAL**

SÃO BORJA

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
JORNALISMO**

JAIME MAGUETA VIANA LIMA

**DA CRACOLÂNDIA A OUTROS ESPAÇOS: UMA PERSPECTIVA
HUMANIZADORA SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS EM DOCUMENTÁRIO
AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 2 -
Projeto Experimental - apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.
Orientação: Alexandre Rossato Augusti

SÃO BORJA

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L732c Lima, Jaime Magueta Viana

DA CRACOLÂNDIA A OUTROS ESPAÇOS: UMA PERSPECTIVA
HUMANIZADORA SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS EM
DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL / Jaime Magueta Viana Lima.

44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2025.

"Orientação: Alexandre Rossato Augusti".

1. Documentário audiovisual. 2.
Humanização. 3. Cracolândia. I. Título.

JAIME MAGUETA VIANA LIMA

**DA CRACOLÂNDIA A OUTROS ESPAÇOS: UMA PERSPECTIVA
HUMANIZADORA SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS EM DOCUMENTÁRIO
AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02/12/2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
(Orientador - Universidade Federal do Pampa)

Prof^a. Dr^a. Adriana Ruschel Duval
(Universidade Federal do Pampa)

Prof^a. Dr^a. Roberta Roos Thier
(Universidade Federal do Pampa)



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/12/2025, às 20:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/12/2025, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTA ROOS THIER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/12/2025, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1917366** e o código CRC **737F9DF3**.

AGRADECIMENTOS

Ao Orientador e Professor Alexandre Rossato Augusti

A Professora Dr^a. Eloísa Joseane da Cunha Klein

A Professora Dr^a. Josemari Poerschke de Quevedo

A Professora Dr^a. Vivian de Carvalho Belochio

A Professora Dr^a. Adriana Ruschel Duval

Ao Professor Dr. Geder Luis Parzianello

A Professora Dr^a. Roberta Roos Thier

A minha esposa Kendra D'Avila

A minha mãe Valdete Magueta

Ao meu pai Jaime Lima

Ao Arthur Fascina

Ao Rhyan Amaral

Aos meus irmãos

Aos meus gatos

A cada um que faz do céu seu teto

RESUMO

O presente trabalho consiste na produção de um documentário audiovisual que apresenta uma abordagem empática com a subjetividade de cada um dos personagens. O projeto aborda as complexidades sociais e de saúde por trás desse tema, dando ênfase central na relação do usuário com o mundo ao seu redor. Dessa maneira, o produto audiovisual prioriza a perspectiva da humanização, englobando histórias, sonhos, frustrações e subjetividades das fontes. Há também a discussão sobre as políticas de Estado que visavam o fim da Cracolândia na Rua dos Protestantes. Em suma, o trabalho busca responder à seguinte questão: como abordar o tema do uso de drogas sob uma perspectiva humanizadora, para além da questão da dependência, buscando englobar aspectos das vidas dos usuários, seus sonhos, seus pensamentos, em um documentário que possa servir para a conscientização da sociedade fora do campo acadêmico? A pesquisa utiliza a metodologia qualitativa, com base em entrevistas em profundidade, com técnicas de jornalismo em profundidade e escuta ativa, inspiradas no programa *Provocações*, de Antônio Abujamra. Este trabalho analisa o papel do Estado, das ONGs e as políticas públicas de redução de danos, refletindo sobre o papel da subjetividade no centro da cobertura midiática e no combate à invisibilização social dos usuários. Representa uma contribuição significativa ao debate público, reafirmando a vivência dos entrevistados e refletindo sobre diversas perspectivas acerca do fim da Cracolândia, da pobreza e da vulnerabilidade social, perspectiva essa com pouca representatividade acadêmica, tornando-o único em sua produção.

Palavras-chave: Documentário audiovisual, Cracolândia, Jornalismo Humanizador e usuários de drogas

ABSTRACT

The present study consists of producing an audiovisual documentary that features an empathetic approach to the subjectivity of each of its subjects. The project addresses the social and health complexities underlying this issue, placing a central emphasis on the user's relationship with the world around them. Consequently, the audiovisual product prioritizes a humanization perspective, encompassing the interviewees' stories, dreams, frustrations, and subjectivities. The documentary also includes a discussion about the State policies aimed at eliminating the Cracolândia area on Rua dos Protestantes. In sum, this work seeks to answer the following core question: How can the topic of drug use be approached from a humanizing perspective, moving beyond the issue of dependency, and seeking to encompass aspects of users' lives, their dreams, and their thoughts, within a documentary that can serve as a tool for public awareness outside the academic field? The research employs a qualitative methodology, grounded in in-depth interviews utilizing specialized techniques from deep journalism and active listening, inspired by Antônio Abujamra's program *Provocações* (Provocations). This work analyzes the role of the State, NGOs, and harm reduction public policies, reflecting on the centrality of subjectivity in media coverage and in the fight against the social invisibility of users. This project represents a significant contribution to public debate, reaffirming the lived experience of the interviewees and reflecting on diverse perspectives concerning the Cracolândia phenomenon, poverty, and social vulnerability-a perspective with limited academic representation, making this production unique.

Keywords: Documentary audiovisual, Cracolândia, Humanizing Journalism and Drug Users

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Problematização	10
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivos Gerais	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Justificativa	12
1.3.1 Seleção de Títulos	12
2. REVISÃO TEÓRICA	15
2.1 A perspectiva da humanização	15
2.2 Cracolândia	16
2.3 Documentário	18
3. METODOLOGIA	21
3.1 Pré-produção	22
3.1.1 Pesquisas e Fontes	22
3.1.2 Pré entrevistas	24
3.1.3 Aquisição de materiais	25
3.2 Produção	26
3.3 Pós-produção	28
3.3.1 Edição	29
4. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO	30
4.1 Diário de campo	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A - Análise dos dados coletados no formulário	39

1. INTRODUÇÃO

Nos propomos a realizar, através deste trabalho, um produto audiovisual que retrata o cotidiano dos usuários de drogas na cidade de São Paulo, abordando as complexidades sociais e de saúde dessa realidade, com foco na realidade dos usuários de crack. O produto é um documentário audiovisual, que tem como objetivo tratar o tema a partir dos relatos dos usuários, contar histórias, causos, alegrias, frustrações, amores e vivências que perpassam não só o uso de drogas, como também a subjetividade dos entrevistados, considerando suas vivências em outros âmbitos, e, em meio a esses momentos, refletir sobre o papel do estado e das organizações não governamentais na contenção de danos aos usuários¹. Vale também a contextualização do efeito fisiológico do crack no corpo dos usuários. Desde o início houve a ideia de se buscar um estilo próprio de produção de documentário, sem procurar repetir uma determinada receita de como realizar esse tipo de produção. A ideia principal era buscar uma marca própria que fosse construída durante todo o processo de pré-produção, produção e pós-produção.

Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. (NICHOLS, 2010, p. 135).

Buscando essa assinatura, o trabalho buscou uma base problemática para a produção do documentário, o que será abordado no tópico abaixo.

1.1 Problemática

Boa parte da cobertura midiática sobre os usuários de drogas se resume a colocar o indivíduo em situação de marginalização, por isso a produção de um conteúdo atento às subjetividades e às histórias de cada personagem se torna necessário. Este projeto visa não apenas documentar as experiências individuais, mas também lançar luz sobre as complexas questões sociais e de saúde associadas a essa realidade. Através de uma abordagem cuidadosa e sensível, pretendemos proporcionar uma visão mais compreensiva e informada sobre essa

¹ https://drive.google.com/file/d/1Uro99UHmPF9hPnDu_jEgMW_DRBMwvoQ7/view?usp=sharing

temática, contribuindo para um diálogo construtivo sobre as questões relacionadas ao uso de substâncias.

A mídia desempenha um papel extremamente relevante na construção do imaginário popular. Muitos programas policiais retratam o dependente como alguém inferior às demais pessoas. Além disso, cria-se uma caricatura de um ser violento, capaz de fazer qualquer coisa para conseguir dinheiro para o uso de drogas. Essa narrativa rebaixa o indivíduo a uma identidade preconceituosa e generalista.

A culpabilização da vítima, por estar inserida nessa situação de vulnerabilidade, é bastante comum, e muitos associam o vício à escolha pessoal dos usuários, sem levar em conta os fatores biológicos e sociais por trás desse consumo. O indivíduo acaba por meio dessas culpabilização sendo invisibilizado e tendo seus problemas e demandas reduzidas na sociedade, por isso se torna importante conscientizar a sociedade sobre essa visão estereotipada dos usuários de drogas.

A partir do explanado, definimos como questão problema a tentativa de responder: como abordar o tema do uso de drogas sob uma perspectiva humanizadora, para além da questão da dependência, buscando englobar aspectos de suas vidas, seus sonhos, seus pensamentos, em um documentário que possa servir para a conscientização da sociedade fora do campo acadêmico?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo central deste trabalho é a produção de um documentário audiovisual que aborde o uso de drogas sob a perspectiva humanizada dos usuários, colaborando para a construção de uma conscientização social que amplie o entendimento sobre essa problemática.

1.2.2 Objetivos específicos

- Ampliar o entendimento sobre produções de documentários, a fim de definir o melhor modo de contar histórias com perspectiva mais humanizadora.

- Desenvolver o entendimento sobre o papel social no que diz respeito à avaliação dos usuários de drogas, percebendo-os como integrados à sociedade e não à sua margem.
- Compreender o espaço físico da Cracolândia, a fim de avaliar o seu deslocamento do local e sua dispersão para outros espaços.
- Trabalhar a relação entre a escuta ativa e a entrevista em profundidade na produção de uma narrativa humanizadora

1.3 Justificativa

O relatório mundial sobre drogas em 2023 quantifica a quantidade de pessoas que utilizam drogas ilícitas: cerca de 296 milhões de pessoas — entre 15 e 64 anos — em 2021, um aumento significativo de 23% em relação aos números de 2011. Esses números são impulsionados pela grave onda no consumo de drogas sintéticas, nos Estados Unidos da América essa crise atingiu números catastróficos, o país registrou cerca de 107 mil mortes decorrentes de overdoses em 2023 (dados provisórios), impulsionada majoritariamente pelo fentanil. No Brasil a situação também começa a se tornar crítica, em 2021 o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou cerca de 400,3 mil atendimentos a transtornos comportamentais resultantes ao uso de drogas e álcool. Boa parte desses tratamentos não leva em conta a subjetividade e o lado social por trás desses comportamentos. Dentro de “clínicas de recuperação” administradas por organizações civis e religiosas esse problema é mais evidente, em 2023 inúmeras denúncias de abuso e violência foram divulgadas na imprensa. O tratamento midiático da imprensa sobre os usuários também mudou no último ano, houve uma tentativa de se produzir um conteúdo além da superficialidade.

Durante a pesquisa ficou claro que a perspectiva abordada neste trabalho de entrevistas em profundidade com o público da cracolândia não foi encontrada em nenhum outro trabalho. Esse trabalho pretende propor um olhar diferenciado sobre essa problemática, colocando o usuário como fonte principal no centro dessa discussão.

1.3.1 Seleção De Títulos

A principal plataforma de pesquisa utilizada foi o Google. Também foi utilizado o google acadêmico para a obtenção de trabalhos acadêmicos de maior profundidade. As palavras-chaves utilizadas para o estudo: Mídia, combate às drogas, cobertura, criminalização, documentário, entrevista em profundidade, representação midiática, construção de arquétipos, reforço de estereótipos, preconceito e cracolândia. Ao todo 30 artigos foram selecionados pelos títulos serem compatíveis ao tema do TCC, desses 15 resumos foram lidos e 3 artigos selecionados para a leitura completa e utilizados na construção das ideias dessas revisões. A pesquisa comparou o tema do TCC aos títulos e conteúdos parecidos e relevantes. Boa parte do conteúdo se completou, as referências de alguns textos analisados também conversavam com o tema, então os utilizei para pesquisar e referenciar o texto.

ARTIGOS SELECIONADOS	MOTIVO
A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise	Texto escolhido para aprimorar as técnicas de pesquisa, que é primordial para a pesquisa
A criminologia midiática como um arauto da guerra às drogas	Texto para análise do comportamento da mídia sobre a guerra às drogas
Adolescência, drogas e mídia	Essa análise traz também o recorte etário sobre a discussão
Eliane Brum e a arte da escuta	Texto para entender a relação entre o repórter e o entrevistado em uma entrevista humanizada. Esse artigo reforça a importância de escutar a fonte e dar voz às suas subjetividades
Por que humanizar o jornalismo audiovisual? Um relato da experiência no projeto de extensão da Sala de Notícias da PUCPR	Texto sobre o valor do jornalismo humanizado

Jornalismo humanizado e o papel da subjetividade nele	Um dos principais textos utilizados na construção da revisão teórica, se aprofunda na subjetividade no jornalismo humanizado
Crack : contexto, padrões e propósitos de uso	Escolhido por analisar profundamente o contexto que leva alguém ao uso do crack
Drogas, Discursos e Mídia: Um diálogo sobre o (des)encontro de representações em processos judiciais	Um texto sobre analisando o discurso e as suas implicações legais que a diferença entre as representações entre mídia e judiciário causa na sociedade
Mídia advocacy: alternativa de prevenção ao uso de drogas	Texto sobre o papel da mídia em relação a prevenção do uso de drogas
A representação do tema drogas na mídia capixaba	Uma análise sobre a cobertura da mídia capixaba sobre as drogas
Retratos construídos pela mídia sobre o usuário de crack	Reflete sobre os retratos criado pela mídia dos usuário de crack
A “entrevista em profundidade” ou “semi estruturada”, no contexto da saúde	Uso da entrevista em profundidade na saúde
Mídia e Drogas: O perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira	Traça um perfil sobre a representação do usuário de droga na imprensa
Entrevista em Profundidade; Jorge Duarte	Texto sobre como se aprofundar em entrevistas
Da Invisibilização Social à Narrativa Humanizada na Cobertura da Mídia	Outro texto sobre a construção de um jornalismo humanizado
Midiatização da cultura, criminalização e patologização dos usuários de crack: discursos e políticas	O texto se aprofunda no processo de criminalização dos usuários de crack

Fonte: Produzido pelo autor

Após a análise das seleções de títulos o projeto parte para a revisão teórica a fim de dar o escopo teórico às discussões que serão abordadas neste documentário.

2. REVISÃO TEÓRICA

Para atingirmos um resultado competente, é necessário o desenvolvimento de uma revisão teórica sobre a cobertura midiática com os dependentes químicos e a necessidade de se fazer um jornalismo mais humanizador. O programa *Provocações* e sua técnica de entrevista humanizada e em profundidade realizada pelo apresentador Antônio Abujamra, foram utilizadas como parâmetro para entender as dinâmicas da entrevista na abordagem, produção de perguntas e acolhimentos aos entrevistados.

2.1 A perspectiva da humanização

No artigo *Jornalismo humanizado e o papel da subjetividade*, a pesquisadora Milena Silocchi faz uma breve análise comparativa entre a produção subjetiva do jornalismo humanizado em contraponto ao modelo tradicional das grandes redações pelo país. Ela explica que o jornalismo atualmente privilegia e incentiva a objetividade, esse modelo acaba por deixar de dar valor a inúmeros elementos subjetivos, que podem até mesmo ser mais importantes do que o tradicional veiculado. A rotinização da produção de notícias acabou por afastar o lado humano do jornalismo, por estarem reféns a dinâmicas mercadológicas muitos repórteres acabam por tentar ao máximo retirar o que precisam da fonte, sem nem abrir espaço para conhecer em profundidade quem está falando, seus sentimentos e ideias. Ela ressalta que abraçar a subjetividade na entrevista e produção de conteúdo não afasta a objetividade do texto, o desafio do profissional de imprensa é fazer com que esses dois aspectos andem lado a lado e conversem para que se chegue à verdade. Essa perspectiva propõe uma sensibilidade maior na produção de conteúdo para se sair desse cenário regrado e engessado.

No texto *“Da Invisibilização Social à Narrativa Humanizada na Cobertura da Mídia”*, nota-se uma análise comparativa da cobertura jornalística nos casos do

sequestro do ônibus 174 nos anos 200 e do ônibus 2520, na ponte Rio-Niterói em 2019. A Partir disso o texto explica os conceitos e pontua a importância desse olhar mais empático e humanizado. Durante o texto fica clara a mudança na abordagem da imprensa com os sequestradores. No primeiro caso fica claro a invisibilização da imprensa que cobriu ao vivo os momentos mais tensos da ação e espetacularizou a morte do bandido; o passado criminoso de Sandro, autor do crime, foi repetidamente veiculado. Outro ponto foi a tentativa de se associar a motivação do crime a um pacto com o diabo, algo que nunca foi provado. No segundo caso a mídia tratou de forma humanizada o autor do crime, ressaltando o surto psicótico do sequestrador. A mídia também não mordeu a isca de certa parcela da política nacional que tentou fazer um show em cima da morte do criminoso. O governador da época Wilson Witzel chegou a comemorar o abatimento do sequestrador por um atirador de elite. Duras críticas a essa atitude foram reportadas e o próprio ato foi alvo de reporte e repreensão midiática.

Com o entendimento da relevância da perspectiva da humanização, este trabalho a prioriza em todas as etapas (pré-produção, produção e pós-produção), garantindo a voz ativa das fontes na construção do produto.

2.2 Cracolândia

A discussão sobre a Cracolândia, suas implicações na sociedade, na política e na segurança pública são espaços de debate e conflito há anos. Esse trabalho não tem como objetivo dar solução a um problema gigantesco que dura décadas e perpassa aspectos complexos e muito ambíguos. O foco é contar as histórias de quem esteve naquele espaço e procurar entender as dinâmicas que levaram ao fim do fluxo no centro de São Paulo. Para isso, foram ouvidas diversas autoridades no assunto, como o coletivo Craco Resiste, ativistas da ONG É de Lei e a coordenadora do projeto Redenção, projeto este da Prefeitura de São Paulo.

O local exato da formação da Cracolândia ainda é debatido pela academia. Um dos consensos foi a consolidação da Cracolândia no bairro da Luz, em São Paulo. Durante os anos 50 e 60, o bairro era uma das áreas mais nobres e vibrantes da cidade. Com a expansão do centro, caracterizada pela valorização das áreas próximas à Avenida Paulista, como os bairros Bela Vista, Cerqueira e Consolação, e a crescente valorização na região da Faria Lima, o centro financeiro da cidade

acabou migrando para esses locais e esvaziando a região da Luz. Outro fator decorrente desse processo foi o aumento de prostituição e outras atividades marginalizadas na região da Luz, conhecida como Boca do Lixo — esse mesmo local que, durante os anos 60 e 70, foi o berço do cinema nacional e a casa da Cinelândia paulistana, onde se popularizou o modelo de produção conhecido como pornochanchada. Outro fator decisivo para a desvalorização e vulnerabilidade da região foi o transporte. Antigamente, a Viação Sorocabana se localizava na região, o que trazia ao local o caráter de rodoviária da maior cidade das Américas. Com a construção e migração de linhas para o Tietê, a região ficou desabastecida comercialmente, cortiços foram criados e a região passou a sofrer ainda mais economicamente. Houve um aumento no fluxo de moradores de rua, já que essas pessoas que usavam a rodoviária como ponto de chegada ou de passagem, muitas vezes em situação de vulnerabilidade, permaneceram na área desativada e nas proximidades.

A fusão entre a vulnerabilidade socioespacial e a desassistência do Estado criou um ambiente perfeito para a expansão do uso indiscriminado de crack nos anos 90. A chegada da droga, que tinha se popularizado nos EUA nos anos 80, ao Brasil, mudou por completo as dinâmicas sociais do bairro e trouxe luz a problemas antes omitidos pelo Estado, principalmente a falta de moradia digna e a epidemia de drogas. Com o passar dos anos, a Cracolândia se movimentou pela cidade de São Paulo, mantendo-se na maioria das vezes na região central. A primeira grande concentração de pessoas em um "fluxo" — termo usado para o movimento das pessoas entre compra, uso e aquisição de recursos para a compra do crack — foi na Praça Princesa Isabel, também no bairro da Luz. Políticas públicas como a do ex-prefeito de São Paulo, João Doria, tiraram essas pessoas da região, causando um ciclo migratório para a Rua dos Protestantes, mais próxima à Estação da Luz. Esse movimento teve como ideia a retirada e retomada do espaço pelas autoridades, sem de fato tratar o problema. O objetivo segundo especialistas era esconder essas pessoas.²

O combate ao crack, por meio estratégias de urbanismo militar, tem por escopo tão somente a substituição dos moradores do local por residentes de classes superiores,

² O texto do item 2.2 tem seu conteúdo como resultado de conversas com as fontes antes e depois das entrevistas. Essa estrutura foi construída através de pesquisa detalhada e dos relatos dessas fontes

a fim de transformar o centro de São Paulo em um local que possa ser definido nos parâmetros de uma cidade global. (AMARAL; ANDREOLLA, 2019, p. 119).

A partir de 2025, a gestão do atual prefeito, Ricardo Nunes, traçou a meta de acabar com a nova Cracolândia. Durante meses, a Prefeitura disponibilizou boa parte do aparato repressivo e de saúde do município para diminuir a concentração de pessoas na Rua dos Protestantes. Houve a criação do Corredor de Saúde, que, segundo a Prefeitura, tinha objetivo exclusivamente para a saúde, enquanto ONGs e coletivos que acompanharam o processo acreditam que se tratava de um cerco. Com o passar dos meses, a quantidade de pessoas na cena aberta de uso diminuiu e, recentemente, foi zerada na Rua dos Protestantes.

A Cracolândia não é um espaço ou concentração de pessoas; a Cracolândia é o usuário de crack. Toda e qualquer tentativa de eliminar o espaço físico da Cracolândia vai contra a perspectiva de humanização desse usuário, reduzindo-o ao espaço que ele habita

2.3 Documentário

Com o avanço da produção audiovisual nos anos 70, em especial por causa da Guerra do Vietnã e a descrença nas narrativas oficiais, ficou clara a importância de uma produção mais centrada na realidade e de maior envolvimento com a parte social, nesse momento um gênero antes subutilizado como o documentário ganhou protagonismo. Essa crise de credibilidade da mídia tradicional e do estado deu aos autores de documentário espaço para expressarem suas perspectivas e contarem a realidade a partir de seus olhos, foi justamente nessa época que a voz *over* retornou a se popularizar nas produções, essa era a maneira mais explícita de interferência e expressão da subjetividade do autor na obra. Nichols (2017, p. 26) afirma que "O documentário tornou-se o ponta de lança de um cinema de envolvimento social e visão pessoal."

Com o advento da internet, essa ponta de lança social que havia se tornado o documentário se transformou em algo muito maior por causa da facilidade de se produzir, veicular e postar conteúdos em diversas plataformas. A transposição dessa arte para plataformas digitais e para sites como YouTube gerou uma vasta quantidade de produções, criando um ecossistema que se influencia, vende e

consome essas produções. Hoje, graças a essas plataformas, todo documentário — seja amador, semiprofissional ou profissional — pode ser feito.

E a mídia digital possibilita com que o documentário se torne a ponta de lança de um cinema de envolvimento social e visão pessoal, propagado para a internet e para sites como YouTube e Facebook, onde proliferam imitações de documentários, quase documentários, semidocumentários, falsos-documentários e documentários genuínos, que adotam formas novas e abordam temas novas (NICHOLS, 2016).

Essa expansão de mercado ajudou a democratizar a visão de mundo e temas dentro do universo do documentário. Dessa forma as produções não só refletem a sociedade, mas constroem signos e discurso dialogando tanto com outras produções, como com o engajamento ativo da sociedade em redes.

Existem imagens debaixo destas imagens: na escolha de seus temas, na apresentação destes em quadros, na construção de um olhar pelos enquadramentos e pelas montagens que elas operam, na lógica do discurso que as ordena implicitamente em sequências, elas repetem o mais frequentemente, sem sabê-lo, outras imagens. Da mesma forma que existe o “sempre já” do discurso, existe o sempre já da imagem (COURTINE, 2013, p. 156).

Essas produções têm um valor fundamental para a construção de uma sociedade que não se esquece. A produção reflete a partir das visões influenciadas pelo ambiente e pelas pessoas envolvidas na obra e suas relações, transformando a produção em um recorte da realidade que ficará vivo e será revisitado com o passar dos anos. Esse efeito memória tem o poder de produzir outro acontecimento a partir da veiculação, combatendo estigmas e a invisibilização social. Por ter esse caráter de documentar a história, produções documentais têm um valor fundamental na sociedade.

O documentário, enquanto discurso, produz um acontecimento, que é aquilo que ele significa. Produz um recorte do real que é tomado como um acontecimento. Mexe na relação com o esquecimento. Produz um efeito de memória. Ou melhor, o acontecimento, que ele produz, sua historicidade, está na configuração que, pelo seu recorte, ele produz como parte da memória, interdiscurso. Esta é sua historicidade constitutiva. Este é o efeito que ele produz para ser documentário. (ORLANDI, 2012, p. 57-58).

Além disso, se fez necessário entender os modos de representação dos documentários a fim de se entender a abordagem que o produto audiovisual abordaria. Nessa fase, se fez necessária a leitura do livro *Introdução ao Documentário* do Bill Nichols, onde ele explicita bem as diferenças nos modelos de representação. Se entende também que esses modelos se influenciam e perpassam uns aos outros de maneira que um documentário pode conter mais de um modo de produção.

Muitas vezes, os documentários operam em um modo híbrido, misturando elementos de diferentes modos de representação para atingir seus objetivos de representação e persuasão" (NICHOLS, 2016, p. 136).

Ao todo, o autor segmenta o modo de produção de documentários em 6 tipos. O Modo Poético tem ênfase em associações visuais e nos ritmos. Ele busca criar sentidos e signos a partir da exploração das qualidades estéticas e líricas da realidade, sendo essa uma das formas mais abstratas e subjetivas de representação. O Modo Expositivo, durante muitos anos, foi usualmente utilizado por trazer a voz *over* com o objetivo de persuadir e/ou informar o público a respeito de determinado assunto. O Modo Observativo, com ênfase no foco em quem está em frente às câmeras, colocando o personagem como foco principal da produção, com muito pouco envolvimento do cineasta no ambiente relatado. Esse modelo de produção deixa a cargo da construção do ambiente e narrativa do personagem, colocando a câmera em um espaço de observador discreto daquele mundo. O Modo Participativo ocorre quando se enfatiza a interação entre o cineasta com o tema ou personagem do documentário. Nessas produções, o papel do documentarista se torna fundamental tanto na condução da narrativa ou até em algumas vezes em tela. Com ele dentro da cena, o ambiente muda, o transformando e criando outros significados. O Modo Reflexivo, além de questionar e abordar o tema, traz a autorreflexão como ponto fundamental em sua concepção, focando também no processo de criação e nas convenções que circundam o mundo do documentário. Por fim, temos o Modo Performático. Se o documentário participativo coloca o cineasta dentro da cena e enfatiza sua relação com a fonte, o modo performático abraça o cineasta em sua completude, se aprofundando na subjetividade do autor e o colocando como voz principal, buscando evocar emoções e sentimentos.

Com isso em mente, o documentário focou em se representar mesclando e hibridizando modos de produção. O foco na subjetividade e na vivência de cada entrevistado o aproxima do modelo observativo. A escolha por uma produção sem narração (voz *over*) reforça essa filiação. Esse estilo está historicamente associado ao movimento do Cinema Direto (*Direct Cinema*), que surgiu no final dos anos 50 com o objetivo de capturar a realidade de forma mais espontânea e com o mínimo de interferência da equipe de gravação, permitindo que a própria ação se desenvolva em seu ritmo.

Por trazer a discussão sobre a Cracolândia e informar os efeitos do *crack*, ele também se alinha ao modelo expositivo, embora sem se utilizar da voz *over*, transferindo a função de informação e persuasão para a edição e para os próprios depoimentos e letters.

Em diversos momentos, podemos entender a interação do cineasta (o próprio autor deste trabalho) com as fontes; por aparecer, comentar respostas e produzir outras perguntas a partir da produção, o documentário também se manifesta como participativo em alguns momentos.

Após a revisão teórica deste trabalho, partimos para a construção metodológica, abordando todas as valências necessárias para a elaboração de um documentário coeso e aprofundado.

3. METODOLOGIA

O documentário foi produzido *in loco* com entrevistas com dependentes químicos no centro de São Paulo, o contato entre entrevistador e personagem foi intermediado por grupos de acolhimento e profissionais da saúde. Espera-se que pelo menos 5 fontes, de diversas características, sejam utilizadas. Como o jornalismo de soluções é um tema intrínseco a essa questão, há necessidade de entrevistar um ou dois especialistas no tema. Não iríamos iniciar o primeiro contato já com a gravação da entrevista, a ideia é criar um vínculo com essas pessoas a fim de explorar ainda mais a subjetividade de cada um. Estima-se que o documentário seja elaborado em um único filme, a duração pode variar, mas a ideia é produzir um grande documentário entre uma e uma hora e meia de corte final.

A produção desse documentário transcende a mera captação de imagens e informações, alcançando um patamar mais profundo e significativo. Ao adotarmos a

subjetividade e a desconstrução como elementos fundamentais, somos capazes de revelar as camadas mais íntimas e autênticas de cada personagem, revelando sonhos, frustrações e emoções que muitas vezes permanecem ocultos. A empatia, que é manifestada no olho no olho e na quebra da hierarquia entre o repórter e a fonte, serve como um poderoso alicerce para a construção de uma narrativa autêntica. Esse encontro possibilita a criação de um espaço onde essas vozes oprimidas ganham importância e valor.

O documentário, enquanto discurso, produz um acontecimento, que é aquilo que ele significa. Produz um recorte do real que é tomado como um acontecimento. Mexe na relação com o esquecimento. Produz um efeito de memória. Ou melhor, o acontecimento, que ele produz, sua historicidade, está na configuração que, pelo seu recorte, ele produz como parte da memória, interdiscurso. Esta é sua historicidade constitutiva. Este é o efeito que ele produz para ser documentário. (ORLANDI, 2012, p. 57-58)

Essa abordagem, não apenas dá destaque às complexidades individuais, mas também rompe com visões preconceituosas que contribuem para a segregação dessas pessoas. A quebra desses paradigmas é um ato de resistência contra a perpetuação de estigmas e estereótipos que matam, perseguem e segregam uma população tão grande e importante para o país. Assim, a produção do documentário quer transcender esse papel meramente informativo, tornando-se tornando uma espécie de porta voz dessas pessoas, celebrando a singularidade de cada ser humano.

3.1 Pré-Produção

Nessa fase de planejamento da produção do documentário se torna fundamental a estruturação de uma narrativa envolvente e de boas entrevistas e imagens para o dar profundidade.

3.1.1 Pesquisas e fontes

Inicialmente, pensou-se em seis fontes: alguém do estado ligado à prefeitura da cidade, para entender melhor as políticas de estado para a população usuária de droga e também compreender as medidas que levaram ao fim da concentração da

Cracolândia na Rua dos Protestantes; outra fonte ligada a clínicas de recuperação que ajudassem no tratamento dos doentes; três usuários em estágios diferentes de tratamento — alguém que não iniciou o tratamento, outro personagem em tratamento e alguém que estava há anos longe do uso de *crack*; e uma farmacêutica para dar a base farmacológica do impacto do *crack* no organismo.

Durante a pesquisa pelas fontes, ficou clara a problematização por trás de clínicas de recuperação; o medo de propagar uma clínica que não desenvolve trabalhos voltados à saúde ficou evidente. Com isso, a procura por essa fonte foi substituída por organizações sem fins lucrativos que tivessem um trabalho e imagem consolidados nesse meio. Com a pesquisa aprofundada, duas instituições se destacaram: o Craco Resiste e o É de Lei. Após o contato inicial, o projeto É de Lei seria a fonte principal entre as ONGs. A perspectiva de contenção de danos do projeto alinha-se diretamente com o tema que o documentário queria abordar. O É de Lei visa promover o cuidado e garantir direitos aos usuários de drogas com o norte da contenção de danos. O projeto surgiu em 1995, sendo o primeiro Centro de Convivência dedicado ao atendimento de pessoas afetadas pelas políticas de drogas no país.

Após uma reflexão sobre o papel social e a importância, e pela dificuldade de encontrar alguém que não tivesse iniciado o tratamento de profundidade nas fontes, definiu-se a utilização de três personagens principais: Cleiton Conceição, conhecido como Dentinho, ex-usuário de *crack* e redutor de danos; Wendel de Jesus, convivente do É de Lei e pessoa em situação de rua, e é válido ressaltar que o Wendel é um exemplo de que o problema das drogas e moradia afeta não somente os usuários, como também outras pessoas na mesma situação; e Lucas Marcelo Cardoso, convivente do É de Lei, que viveu com problemas relacionados ao álcool e às drogas há mais de 20 anos.

Houve também uma reconsideração quanto à fonte ligada a clínicas de recuperação. Após análise de algumas instituições, ficou claro que muitos desses ambientes ofereciam pouco auxílio médico e psiquiátrico aos usuários, focando a “cura” — termo debatido entre especialistas — exclusivamente na fé e na cobrança de recursos. Em seu lugar, definiu-se o Padre Júlio Lancellotti, da Paróquia São Miguel Arcanjo.

O Padre Júlio realiza um trabalho de entrega de mantimentos e ajuda humanitária à população de rua, tendo contato direto com usuários de *crack*. A

entrevista teve como objetivo mostrar iniciativas de ajuda não governamental, entender o papel da fé em auxílio à medicina no tratamento da dependência, e dar voz a essa população marginalizada.

A fonte inicialmente pensada como ligada à área farmacêutica foi substituída pelo Dr. Cláudio Jerônimo, psiquiatra com mais de 30 anos ligado ao tratamento de usuários de drogas e ex-professor e coordenador da Psiquiatria da UNIFESP.

Por fim, a fonte ligada à Prefeitura de São Paulo, após conversa com a Secretaria de Comunicação do município, foi definida como fonte a coordenadora do projeto Redenção, Luiza Chizue — política pública voltada para as pessoas que fazem uso abusivo de drogas em situação de vulnerabilidade.

No final, ficaram definidas 8 fontes no total: três personagens ligadas direta ou indiretamente à Cracolândia, quatro fontes especializadas no tratamento e na discussão sobre a Cracolândia e uma fonte ligada à área da saúde para explicar o efeito das drogas no corpo do usuário.

3.1.2 Pré entrevistas

É fundamental para a produção de um documentário robusto e com embasamento técnico, teórico e organizacional a produção de pré-entrevistas, nelas se pode corrigir a rota do documentário além de possibilitar a obtenção de fontes ou até de maior interação com as fontes aproximando laços fortalecendo a narrativa e reforçando uma estrutura base.

Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado. (PUCCINI, 2009, p. 9)

Para maior aprofundamento na relação com o projeto É de lei foi feita uma pré-entrevista com a assessora do projeto Letícia Vieira e a coordenadora de Redução, responsável pelo setor de convivência, Nathielly Janutte. Esse encontro ocorreu dia 2 de setembro.

Durante a conversa foi apresentada a ideia central do documentário e a possibilidade de se fazer uma ponte com os demais entrevistados. Nesse momento foram indicadas diversas fontes entre elas a Ana Luiza, coordenadora geral do projeto e o Dentinho um dos funcionários do projeto que lutou por anos contra a dependência química, ele entrou no projeto como um dos atendidos e agora faz parte da equipe que auxilia outras pessoas.

Outra questão central definida foi o apoio da equipe do "É de Lei" na mediação e, no que ficou definido como "empréstimo de vínculos" com outros usuários do centro de convivência. Com a disponibilidade curta na produção do documentário, a proximidade entre entrevistador e fonte pode não ser a ideal. O projeto se dispôs a facilitar esse contato, utilizando sua proximidade e confiança já estabelecida com os assistidos para auxiliar na conexão.

Além disso, foi recomendada uma conversa com o documentarista Bruno Rico, que produziu o documentário "Fluxo" sobre o movimento dos usuários na Cracolândia. Bruno trabalhou anos com o projeto É de lei ministrando oficinas de cinema e tem uma carreira consolidada no documentarismo.

Após contato inicial, foi marcada a entrevista com o Bruno para o dia 23 de Setembro. Esse contato tinha como objetivo entender melhor as dificuldades de produção na Cracolândia e a abordagem com as fontes. Ficou clara a necessidade de uma equipe grande para suporte na região e de certa habilidade em gravar apenas o foco da entrevista para não expor ninguém a nada. Uma das frases que marcou o encontro com o documentarista Bruno Rico foi: "Você precisa produzir um conteúdo que a pessoa exposta não se sinta mal de apresentar daqui a dez anos, se for algo muito explícito isso pode trazer feridas e consolidar na internet uma versão que talvez no futuro o entrevistado se arrependa". Houve também a orientação de quais materiais utilizar na produção do documentário, tópico abordado abaixo.

3.1.3 Aquisição de materiais

Durante a entrevista com o documentarista Bruno Rico, produtor do documentário *Fluxos*, percebeu-se a necessidade de um investimento em materiais que ajudassem na produção do documentário. Uma das principais características de um documentário é o som; sem ele, a construção de ambiente fica defasada, tirando

o espectador da cena. Com isso, o escolhido foi o Wireless GO II da RODE, que deu a possibilidade de microfonar o entrevistado sem perder o áudio ambiente, porque ele capta os dois de forma autônoma e sobrepõe. O equipamento é pequeno, diferente dos microfones booms tradicionais, utilizados na maioria das produções, que chamam atenção.

As condições de som ambiente também podem criar empecilhos para a captação do som de entrevistas caso o local esteja próximo de fontes de ruído, como fábricas e aeroportos, ou seja ele mesmo barulhento. (PUCCINI, 2009, p. 11)

Então, foi necessário pensar em materiais que pudessem ser rapidamente montados e que chamassem pouca atenção, por se tratar de um lugar muitas vezes hostil e perigoso. Para estabilidade, ficou definido que o melhor equipamento seria uma gaiola, a Metal Cage for Mobile Phones, da marca ULANZI. Esse equipamento permite que o cinegrafista grave de forma rápida uma entrevista e não chame tanto a atenção quanto um tripé tradicional.

Por se tratar de um documentário foi necessário a produção de mais de um plano, o documentário foi gravado em um celular S23 e para maior angulação e planos detalhes a lente utilizada foi a Profissional super ângulo 0,45x e macro 12,5x super zoom da Dupin. Já para a gravação de entrevistas em locais fechados como consultórios, a sala de convivência e outros, foi utilizado o tripé ULANZI MT-56.

3.2 Produção

Durante os dias 27 de outubro e 4 de novembro, foram realizadas as entrevistas e captação de imagens em São Paulo. A fase de produção é fundamental para a construção de um documentário coeso e aprofundado. Entender os entrevistados e seus ritmos e conseguir extrair o melhor das entrevistas foram desafios enfrentados na produção.

Os dados construídos com base nas entrevistas dão ao/a pesquisador/a uma gama de informações com riquezas de detalhes acerca do contexto investigado e possibilita-o/a a interpretar os significados e os sentidos que os/as participantes deram para tal contexto. (LEITÃO, 2021, p. 112)

Essa fase também foi norteadada por um conjunto de estratégias e técnicas que visavam garantir a humanização e a profundidade na subjetividade de cada sujeito.

A construção de vínculo com a fonte foi fundamental nesse processo. Antes de todas as entrevistas, havia uma clara tentativa de aprofundamento na relação de forma cordial e empática, sem ter como objetivo único e exclusivo o de retirar da fonte uma sonora (ou depoimento sonoro).

Nas entrevistas com o Lucas Marcelo Cardoso e o Wendel de Jesus, outro fator fundamental foi a importância dos redutores do É de Lei na ajuda da construção de confiança com eles. Quem se destacou nesse papel foi o redutor de danos Christian Lamat.

Além dele, outras pessoas foram fundamentais na construção de vínculos, quebra de hierarquia e na sensação de conforto com os personagens, entre eles Arthur Fascina, Diego Magueta e Rhyhan Amaral, que fizeram a produção e a gravação das imagens no documentário.

Em consonância com o jornalismo humanizado e com clara inspiração na abordagem e estrutura de entrevistas do Antônio Abujamra no programa Provocações, o roteiro foi guiado por perguntas abstratas e, ao mesmo tempo, complexas. Essa metodologia se baseia essencialmente na escuta ativa, dedicando atenção plena às emoções, intenções e ao subtexto da mensagem de cada participante. O aprofundamento nas histórias de vida tem o poder de desenvolver o documentário em um nível de profundidade elevado, saindo do senso comum e transformando a narrativa em um registro genuíno e revelador dos participantes.

Em nenhum momento da produção, as ideologias ou perspectivas sobre o tema influenciaram na procura ou nas perguntas dos entrevistados. Durante a produção, todas as visões foram respeitadas e foi dada voz, mesmo que entrassem em confronto com minha perspectiva pessoal. O embate de ideias através de perguntas desconfortáveis e que vão de encontro com a perspectiva da fonte foi utilizado, pois entender em profundidade e ter embates de ideias é fundamental para se compreender a situação da Cracolândia.

Os cineastas que escolhem trabalhar com pessoas já conhecidas enfrentam o desafio de representar de maneira responsável os pontos comuns, mesmo que isso signifique sacrificar a própria opinião em favor da dos outros.(NICHOLS, 2005, p. 250)

O *feeling* e a subjetividade do documentarista foram fatores fundamentais durante o processo de filmagem, o que estabeleceu uma relação complexa entre

entrevistador e fonte. Saber o momento certo de se aprofundar ou recuar de determinados assuntos fez parte de uma escuta ativa e intuitiva, respeitando tanto a perspectiva factual do entrevistado quanto o seu universo subjetivo interior. Como sustenta Nichols, o documentário deve "ênfatisar o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema", buscando formas de expressão que "não se limitem à exposição factual" (NICHOLS, 2005, p. 135). Desta forma, a intervenção subjetiva do documentarista tornou-se fundamental para a profundidade e a autenticidade desta obra.

Quando os documentários contam uma história, de quem é a história? Do cineasta ou das pessoas que ele filma? A história deriva claramente dos acontecimentos e das pessoas envolvidas nela ou é, principalmente, obra do cineasta, mesmo quando baseada na realidade? Precisamos acrescentar a essa ideia comum algo como "uma vez que um documentário conta uma história, essa história é uma representação plausível do que aconteceu, não uma interpretação imaginativa do que poderia ter acontecido. (NICHOLS, 2016, p. 34)

O tamanho do documentário também foi uma questão bastante debatida durante a produção do trabalho. Houve o entendimento de que a sua redução poderia resultar na perda de conteúdo, prejudicando a compreensão do tema por parte do público. Diante disso, ficou definido que o trabalho teria a duração total de 60 minutos e 34 segundos. Dessa forma, o documentário abordou diversos temas e evitou que imprecisões ou que a limitação do tempo impactassem na forma como o espectador absorveria o conteúdo.

O próximo capítulo aborda todo o processo de pós-produção, explicando sua importância e atentando às dificuldades na construção narrativa.

3.3 Pós-produção

A fase da pós-produção foi marcada por muitos desafios. A grande quantidade de conteúdo — ao todo, quase 6 horas de gravação bruta — dificultou a organização do documentário. Descobrir quando associar sonoras, cortar partes e não incluí-las no corpo final do documentário foi desafiador. Para mantermos dentro das 1 hora e 34 minutos, definimos que a narrativa ficaria diversificada em três atos. A montagem documental assume um papel de autoria, pois "o documentário é o

único gênero onde o roteiro final é escrito após as filmagens" (RABIGER, 2011, p. 24).

Ato 1: Discussão sobre a Cracolândia. Nesse ato, demos voz à representante da Prefeitura, Luiza Chizue, coordenadora do projeto Redenção, e a três fontes de contato direto com os usuários: Nathielly Janutte, coordenadora de Redução de Danos da ONG É de Lei; Isabela Passerini, ativista do coletivo Craco Resiste; e Padre Júlio Lancellotti, coordenador da Paróquia São Miguel Arcanjo, que tem um trabalho de distribuição de café da manhã com moradores em situação de rua no centro de São Paulo. A edição contou também com o uso de um recorte de trechos de um vídeo publicado no Instagram do Governador de São Paulo, em que ele afirma que acabou com a Cracolândia.

Ato 2: Discussão sobre os efeitos do crack no organismo do usuário. O ato aborda como ele afeta as sinapses do cérebro, produzindo dependência; como o tratamento se justifica na parte bioquímica; e como o uso de crack influencia no quadro de depressão. A fonte desse ato é o Dr. Cláudio Jerônimo, psiquiatra e ex-professor de psiquiatria da UNIFESP.

Ato 3: Histórias. O objetivo desse ato é desmistificar a visão sobre o usuário, contando suas histórias e humanizando-o perante o público, dando foco à sua subjetividade e visões de vida. As fontes foram Lucas Marcelo Cardoso, Wendel de Jesus e Cleiton Conceição.

A estrutura final foi resultado de inúmeras experimentações; o processo de montagem foi artesanal e individualizado, e o roteiro e estrutura passaram por diversas alterações.

3.3.1 Edição

O processo de pós-produção teve uma duração total de 42 horas, distribuídas ao longo de 7 dias com uma média de 6 horas de trabalho diário. A edição e finalização foram integralmente realizadas no Adobe Premiere Pro, englobando as etapas de montagem (cortes), inserção de gráficos de texto (*lettering*) e aplicação de tabelas de consulta de cores (LUTs). A fase de decupagem foi realizada de forma externa, utilizando o recurso de transcrição por inteligência artificial nativo do gravador de voz do Samsung Galaxy S23.

Foi utilizado um LUT e a cor de Lumetri como um filtro para as imagens no documentário. As configurações foram: Temperatura: -5, Exposição: -0,3, Contraste: 35, Realce: -10, Sombras: -30, Pretos: -40 e Saturação: 85.

Esses presets foram usados como base, podendo ser adaptados a cada imagem. Uma dessas adaptações aconteceu na primeira sonora da Luiza Chizue, em que a imagem estava muito clara, dificultando o entendimento do fundo branco com a camisa branca da entrevistada. Foi ajustada a Exposição para -1,3. Outra mudança aconteceu na entrevista com o Padre Júlio Lancellotti, em que a imagem foi gravada contra o sol, dificultando a construção do rosto do Padre. Foi ajustada a Exposição para -1,7.

O texto de transição entre temas tem como fonte Rockwell Condensed Bold. Essa fonte foi escolhida por ser mais chapada e ter bom contraste com as imagens.

A trilha sonora Piano Sonata n.º 14 foi escolhida para não roubar a atenção das imagens e do texto. Após o fim do documentário, foi escolhida uma trilha de encerramento que conversasse com o tema. A música "Zombie", da banda The Cranberries, foi escolhida por se encaixar perfeitamente ao dilema da desumanização de pessoas.

Foram utilizados recursos de Inteligência Artificial (IA) para fazer a decupagem de todas as entrevistas. Houve também uma falha técnica na captação de áudio no trecho 1 da entrevista com a coordenadora do Projeto Redenção, Luiza Chizue, com o áudio sendo gravado pelo microfone da câmera. Para melhorar a qualidade, foi utilizado o programa Adobe Podcast, que se utiliza de IA para aprimorar a qualidade do áudio.

Terminada a parte metodológica, o trabalho explicará a avaliação dos processos de produção, dando ênfase ao relato através de um diário de campo. Este capítulo tem como objetivo contextualizar o leitor dentro de todo o processo de produção, a fim de ajudar no maior entendimento do produto final, no caso, o documentário.

4. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

A produção desse documentário demandou muito manejo e em contornar dificuldades, principalmente na remarcação de pelo menos 4 entrevistas. O produto entregou mais conteúdo do que se imaginava inicialmente, enfatizando a

profundidade dos assuntos abordados. Também vale ressaltar que a produção contou com duas entrevistas a mais do que se pensava inicialmente: as entrevistas com o Dr. Cláudio Jerônimo e com Wendel de Jesus, convivente do centro É de Lei. A captação de imagens na cidade de São Paulo também agregou à produção do documentário. Com o ambiente construído, a narrativa acaba por ajudar na imersão do público. Em um âmbito mais geral, a produção do documentário foi muito satisfatória e possibilitou a diversificação narrativa, gerando uma entrega maior do que a esperada na fase de pré-produção.

4.1 Diário de campo

Esse capítulo tem como objetivo apresentar o processo de produção durante os dias de gravação. Isso só foi possível devido à gravação de um podcast sobre os acontecimentos do dia. Essa iniciativa partiu de um dos colaboradores desse documentário, Rhyam Amaral, aluno de jornalismo do segundo semestre da Unipampa, que ajudou na produção do documentário. Nesse produto, conversávamos de forma leve sobre os eventos do dia, em como melhorar e o nosso sentimento em meio à produção. Nesse conteúdo, houve um ajuste de rota na abordagem das perguntas com os entrevistados, o que, por sua vez, aumentou a qualidade das sonoras. Houve também o debate sobre quais imagens captar no dia posterior e em como abordar certas fontes, estudando o comportamento dessas fontes nas pré-entrevistas, contatos anteriores e até como elas se comportavam nas redes ou em outros produtos documentais.

DIA 27 DE OUTUBRO

Esse dia marcou a chegada a São Paulo e o início da produção do documentário. Na parte da manhã, mais especificamente às 7h30, ficou definido com a coordenação da Paróquia São Miguel Arcanjo que a equipe acompanharia a entrega do café da manhã da igreja e estreitaria os laços com o Padre Júlio Lancellotti para a disponibilidade de uma entrevista. Após esse contato inicial, muito caloroso e acolhedor, com o padre, ficou definido que a entrevista aconteceria às 8h30 na paróquia, logo após a entrega do café da manhã.

Na parte da tarde, o compromisso era na sede da ONG É de Lei. Inicialmente, ficou definido com a assessoria do projeto que aconteceria a entrevista com uma das coordenadoras do projeto, Nathielly Janutte, nesse mesmo horário. Por problema de agenda, esse contato foi desmarcado, mas a ida para entender o projeto continuou de pé. Durante a apresentação do projeto, houve um momento em que os integrantes tiraram dúvidas sobre o objetivo do documentário. Após a criação desse vínculo, o integrante do projeto, Christian Lamat, entrou em contato com os conviventes Lucas Cardoso e Wendel de Jesus, que já estavam na instituição.

A primeira entrevista gravada do documentário foi com o convivente Lucas. Ele vem de uma família abastada, mas nesse momento vive em situação de calçada, sem moradia e com vício em álcool. Ele contou sobre seus sonhos, amores, decepções e sobre ter largado o consumo de crack. A entrevista transcorreu bem, com a fonte se abrindo aos poucos durante as perguntas. Um dos pontos altos da entrevista foi a resposta dele à pergunta: qual o seu sonho? De maneira surpreendente, ele respondeu que seu sonho seria ter uma casa na favela. Ele explicou essa escolha pela vida e luta que a vida na comunidade tem. Esse momento vai de encontro com o histórico de Lucas, que vem de uma família de classe média.

A segunda entrevista já teve outro caráter. A confiança com o personagem Wendel demorou mais para aparecer. Havia um nervosismo na fonte que foi quebrado com uma pergunta simples sobre o que ele gostava de fazer nas horas vagas. Surpreendentemente, assim como o entrevistador, no caso, o autor desse projeto de TCC, Wendel era apaixonado por xadrez, o que acabou por aproximar essa relação, o deixando mais seguro para expor sua história sem tanta timidez. Vale ressaltar que Wendel não é usuário de crack. Ele é um dos exemplos de que a questão do fluxo na região central de São Paulo se trata mais sobre vulnerabilidades do que sobre crack.

DIA 28 DE OUTUBRO

A única entrevista marcada para esse dia era com o Padre Júlio Lancellotti. Chegando à paróquia, novamente fomos bem recebidos e acolhidos pelo Padre. Foram feitas imagens durante a entrega do café da manhã e imagens também da tradicional cerimônia de lava-pés.

Por se tratar de uma figura pública acostumada a dar entrevistas, tradicionalmente o Padre Júlio não se desenvolveu como se esperava, sendo conciso nas palavras, condicionando a uma entrevista mais concisa.

Um fator que pode ter influenciado esse comportamento foi a forma de abordagem das perguntas. As perguntas foram lidas ao invés de se entrar num "flow" com o personagem, o que pode ter passado a ideia de ser algo objetivo e sem espaço para maior desenvolvimento. Após esse episódio, ficou definido que as perguntas pré-estabelecidas seriam a base da conversa, mas que fosse necessário algo menos lido e, ao invés disso, conversado, criando-se um canal de troca de ideias com a fonte.

DIA 29 DE OUTUBRO

Nesse dia ficou definido com a assessoria do É de Lei uma entrevista com a redutora de danos Bárbara da Silva, uma visita com entrevistas e captação de imagens no espaço de convivência no Beco do Pinto e, no fim da tarde, uma entrevista com o redutor de danos Dentinho (Cleiton Conceição). Em São Paulo chovia forte e, por isso, o acompanhamento no espaço de convivência no Beco do Pinto foi cancelado, por se tratar de um lugar aberto. A entrevista com a redutora Bárbara da Silva foi cancelada em cima da hora, faltando menos de 20 minutos para a entrevista. O motivo foi que ela não se percebia no papel de entrevistada no documentário, por não se considerar que acabaria por tirar espaço de outros que tinham mais a comentar. Outra entrevista cancelada foi com o redutor de danos Dentinho (Cleiton Conceição), que desmarcou por causa de incompatibilidade de agenda.

Esse foi o momento mais crítico durante toda a produção do documentário. Por se tratar de pessoas da mesma ONG, se instaurou a dúvida de que aquele contato inicial bem-sucedido do dia 27 tinha tido o efeito contrário ao esperado e afastado as fontes. Contudo, essa tese caiu por terra após o contato com a assessoria do É de Lei, que garantiu que as entrevistas seriam produzidas e que não havia tido ruído algum. A questão foi, exclusivamente, a somatória de contratempos.

DIA 30 DE OUTUBRO

A única entrevista marcada para o dia 30 foi com a coordenadora Luiza Chizue do projeto Redenção, e foi realizada na sede da Prefeitura de São Paulo às 15 horas. Durante a entrevista houve certo nervosismo na hora das perguntas, causada principalmente pelo fato de uma das câmeras parar do nada a gravação por falta de espaço interno, o que no início prejudicou a dinâmica da conversa. Após esse percalço, a entrevista voltou à normalidade e foi conduzida de forma satisfatória. Indiscutivelmente, a melhor parte foi o pós-entrevista, quando foram mostrados diversos dados sobre a Cracolândia, com a coordenadora explicando cada um deles. Inclusive, dados recentes foram comentados, mas, pela Prefeitura ainda não os ter veiculado, nossa produção ficou impedida de adicionar o conteúdo do documentário.

DIA 31 DE OUTUBRO

Nessa data, ficaram definidas duas entrevistas: uma com a ativista Isabela Passerini, que faz parte do coletivo Craco Resiste, às 14 horas, e uma com Cleiton Conceição (Dentinho). A entrevista com a Isabela foi produzida na Estação da Luz, o que disponibilizou ótimas imagens para o documentário. Foram abordados diversos temas sobre cuidado e acolhimento, tema fundamental para Isabela, que é estudante de enfermagem na USP, mas principalmente sobre a semana do fim oficial da Cracolândia. Após a entrevista, foi realizada a captação de imagens na Rua dos Protestantes e adjacências. Essas imagens deram a possibilidade de se explorar a Cracolândia como espaço físico no documentário, a comparando com o momento antes da expulsão dos usuários.

A entrevista com Cleiton foi realizada na casa dele às 19 horas. Mas houve uma conversa informal de quase 1 hora em uma padaria na esquina da casa dele. Essa conversa foi fundamental para se "quebrar o gelo" e absorver conteúdos para a entrevista. Foi nesse ambiente que Dentinho afirmou que matou o seu eu do passado, Cleiton, durante a passagem pela Cracolândia. Essa pergunta foi fundamental durante a entrevista. Teve-se a ideia de produzir a entrevista enquanto jogavam videogame, por se tratar de uma fonte autodenominada "geek". Acredito que esse detalhe abordou a história do Dentinho em uma perspectiva nunca antes explorada. Ao final, o saldo foi positivo, provavelmente a melhor entrevista realizada

no documentário, com a fonte se desprendendo de medos e se abrindo de forma profunda.

DIA 4 DE NOVEMBRO

A primeira entrevista do último dia de gravações aconteceu no consultório do Dr. Cláudio Jerônimo às 11 horas. Durante a produção, ficou clara a importância da pesquisa base realizada antes através de artigos sobre as políticas públicas. Com essas referências, houve uma melhor abordagem dos temas que circundam a conversa.

Na parte da tarde, a produção foi deslocada para a sede do É de Lei, onde a entrevista marcada para às 15 horas com a Nathielly Janutte, coordenadora de Redução de Danos do projeto, foi realizada. Com vasto conhecimento sobre as dinâmicas sociais na Cracolândia, a entrevistada entregou muito conteúdo e reflexões sobre o documentário. Outro fator importante para a construção de um laço com a fonte foi a pré-entrevista realizada com ela. A primeira indicação de norte do documentário partiu dessa reunião e se fortaleceu ainda mais na entrevista.

5. CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propôs-se a produzir um documentário com o objetivo de abordar o uso de drogas sob a perspectiva humanizada dos usuários, através de uma escuta ativa e empatia comunicacional, contribuindo para uma conscientização social do papel dessas pessoas na sociedade e aprofundando o conhecimento do público sobre a problemática da Cracolândia. A produção detalhada no diário de campo demonstrou que esse objetivo foi plenamente alcançado, oferecendo um registro audiovisual que transcendeu a cobertura tradicional da mídia.

As discussões do Ato 1 e 2 deram à produção um maior entendimento sobre o espaço físico da Cracolândia e do papel social da avaliação sobre os usuários de drogas. Acreditamos que esse entendimento foi atingido pelo grau de profundidade que as entrevistas adentraram. Discussões sobre o tratamento, redução de danos e a desmobilização do fluxo foram fundamentais para isso.

Ao abordar as entrevistas e o retrato dos personagens, esse documentário amplia o entendimento sobre o papel narrativo da humanização dentro do documentário audiovisual. Espera-se que esse modelo de produção, que se utiliza de entrevistas em profundidade e da escuta ativa, seja o caminho para uma nova geração de produções que tratam os personagens como agentes dentro da produção, reforçando suas subjetividades.

Durante todos esses processos, a referência ao trabalho de Antônio Abujamra ficou clara e se revelou, através de uma escuta ativa, uma estratégia eficaz de abordagem com um público marginalizado. O uso de perguntas abstratas, o foco na construção de vínculos e a quebra da hierarquia permitiu que se adentrasse na subjetividade de cada sujeito.

As discussões sobre o fim do fluxo na Rua dos Protestantes, com especialistas debatendo pontos de conflito, geraram uma contribuição significativa para esse espaço de debate público que se tornou a Cracolândia.

Nesse contexto, o documentário cumpriu seu papel de dar voz a pessoas que são historicamente invisibilizadas, conferindo peso a temáticas como a redução de danos, acolhimento e crise habitacional.

Relato pessoal do acadêmico, autor do trabalho: Este trabalho foi um esforço para unir diversos conhecimentos adquiridos durante a minha formação acadêmica. Associar o jornalismo em profundidade, com o audiovisual e o espírito empático do repórter foram o norte dessa produção. Esses conhecimentos só foram possíveis graças ao conhecimento adquirido durante os projetos de extensão e pesquisa que fiz durante a graduação. A forma de abordar, a escuta ativa e a valorização da subjetividade no jornalismo em profundidade só vieram a se tornar fundamentais para minha identidade jornalística após a participação no projeto de pesquisa Crônicas da Cidade, coordenado pela professora Adriana Duval. O amor pelo telejornalismo e pelo audiovisual me levaram ao projeto de extensão Pampa News, coordenado pela professora Roberta Roos Thier. O olhar crítico e muito inteligente da professora melhoraram a forma como eu compreendia o jornalismo e mudaram minhas perspectivas de futuro na profissão.

Em suma, acreditamos que o trabalho “DA CRACOLÂNDIA A OUTROS ESPAÇOS: UMA PERSPECTIVA HUMANIZADORA SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS EM DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL” representa uma contribuição significativa ao jornalismo — seja ele audiovisual ou não — e ao debate público,

salientando que um passo importante para o tratamento da dependência química, da pobreza e da insegurança de moradia é o reconhecimento da humanidade, subjetividade, desejos e problemas dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Filipe de Sousa. A criminologia midiática como um arauto da guerra às drogas. **Revista Transgressões**, Natal, v. 8, n. 1, p. 25-47, jan./jun. 2021.
- AMARAL, João V. F.; ANDREOLLA, Rodrigo B. Cracolândia: a substituição do morador pelo empreendimento. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, Ijuí, v. 7, n. 13, p. 109-123, 2019.
- ANDI – AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA; PROGRAMA NACIONAL DE DST/AIDS – MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Mídia e Drogas: O perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira**. Brasília: ANDI/Ministério da Saúde, 2005.
- ARAÚJO, Francisco Douglas de; SOUZA, Lydiane. Da Invisibilização Social à Narrativa Humanizada na Cobertura da Mídia. **Iniciação & Formação**, Marabá, v. 1, n. 2, p. 1-19, 2021.
- BONELLI, Paulo. **Antônio Abujamra: o mal humorado e bem amado**. São Paulo: [S. n.], 2012. (Ajuste a editora correta e mantenha o negrito).
- CAIXETA, Marcela Helena Cotta. Drogas, Discursos e Mídia: Um diálogo sobre o (des)encontro de representações em processos judiciais. **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 115-139, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. Da imagem à memória discursiva. **Comunicação & Cultura**, [S. l.], n. 1, p. 153-162, 2013.
- JUNIOR, Luiz Carlos Pereira. **A apuração da notícia: Métodos de Investigação na Imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LEITÃO, Célia. A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 105-117, 2021.
- MARCOLINO, Eliana Martins; REBOUÇAS, Edgard José. A representação do tema drogas na mídia capixaba. **Organicom**, São Paulo, v. 9, n. 16-17, p. 21-36, 2012.
- MARIANO, Andrea Ferreira Caires. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 119-137, jan./jun. 2011.
- MONTIPO, Clarissa; SOUZA, Sabrina Trentin de. Por que humanizar o jornalismo audiovisual? Um relato da experiência no projeto de extensão da Sala de Notícias da PUCPR. In: SBPJor. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: SBPJor, 2017.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2016.

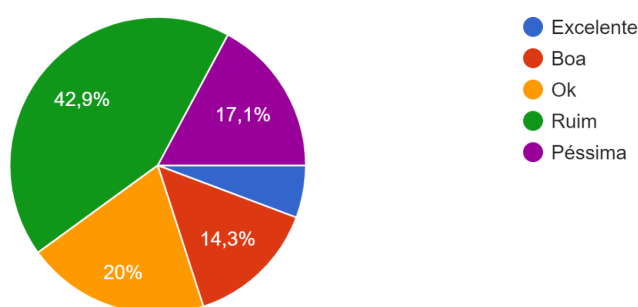
- NICHOLS, Bill. **O cinema do real: a não-ficção e o mundo documental**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- RABIGER, Michael. **Direção de documentários**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- RODRIGUES, F. R.; MUSSE, C. F. Provocações: Os Dois Lados de Uma História e de Um Entrevistador. In: **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: Intercom, 2013.
- ROMANINI, Mauricio; ROSO, Adriane. Midiatização da cultura, criminalização e patologização dos usuários de crack: discursos e políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 611-620, 2013.
- SALDANHA, Paula; MEDINA, Rosana. Adolescência, drogas e mídia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 10, n. 29, p. 11-30, set./dez. 2013.
- SILLOCCHI, Milena. Jornalismo humanizado e o papel da subjetividade nele. In: SBPJor. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: SBPJor, 2021.
- SOUSA, Cristina Ferreira Belarmino de. Mídia advocacy: alternativa de prevenção ao uso de drogas. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 288-301, jul./dez. 2010.
- SOUSA, Cristina Ferreira Belarmino de. O Perfil do Uso e do Usuário na Imprensa Brasileira. **Opinião Pública**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 444-469, 2010.

APÊNDICE A - Análise dos dados coletados no formulário

Como você definiria a cobertura da mídia sobre os usuários de droga?

Como você definiria a cobertura da mídia sobre os usuários de droga?

35 respostas

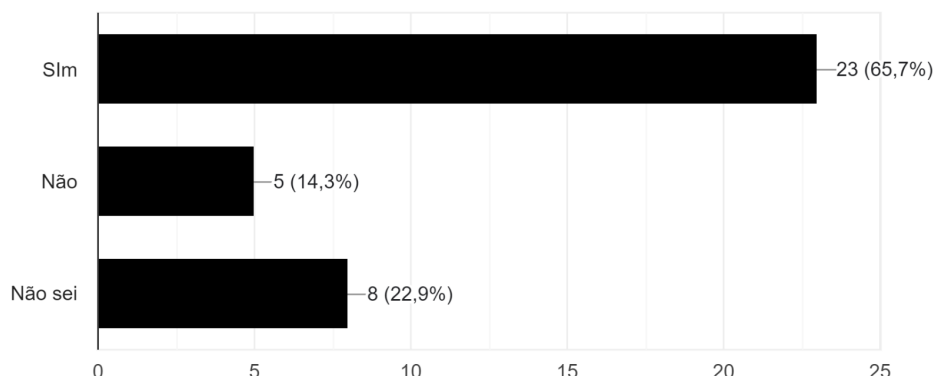


Ao todo 15 pessoas, 42 % das respostas, acreditam que a mídia faz uma cobertura ruim com relação aos dependentes químicos; 20% das respostas, cerca de 7 pessoas, marcaram que a mídia é ok na cobertura; 17,1 % enxerga de forma péssima como a mídia retrata os usuários, ao todo foram 6 pessoas; 14,3% ou 5 pessoas acham boa o modo do retrato; 5,7% ou 2 pessoas acreditam na excelência da mídia na cobertura desse tema. O que mais me surpreendeu na análise dos dados foi que quase metade das pessoas acreditam que a mídia retrata de forma ok, boa e excelente o dependente químico.

Você acredita que a cobertura midiática sobre as drogas reafirma estigmas sobre os usuários ?

Você acredita que a cobertura midiática sobre as drogas reafirma estigmas sobre os usuários ?

35 respostas



36 pessoas responderam a essa questão, dessas 23 acreditam que reafirmam estigmas e 5 não acreditam que reafirmam esses estigmas. Uma boa análise é tentar entender o motivo pelo qual 8 pessoas não souberam responder, acredito que posso passar pela elaboração da pergunta com o uso da palavra estigma, que não é amplamente conhecida pelo público.

Caso tenha respondido, sim, explique o porquê

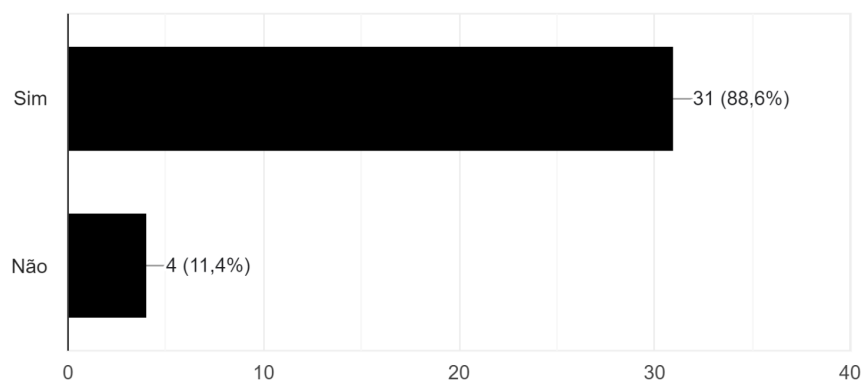
Essa primeira pergunta dissertativa estava atrelada à questão anterior. Algumas pessoas se aprofundaram bastante no tema, já outras se perderam e acabaram fugindo do assunto e teve também aqueles que por meio das respostas demonstraram certos preconceitos. Abaixo algumas respostas:

- Porque na maioria das vezes essa cobertura omite as questões sociais que implicam no problema, bem como a falta de investimento em políticas públicas voltadas para recuperação dos usuários, tais como a redução de danos.
- Acho que vai de cabeça pra cabeça né
- Constroem a imagem dos usuários como pessoas ruins para a sociedade
- Existe um estigma sobre a pessoa que consome drogas (seja para uso recreativo ou vício compulsório), justamente pela forma em que os canais de comunicação os colocam na mídia. Nunca ou raramente é de uma forma onde enxergamos a subjetividade e o todo do indivíduo que está sujeito a esta vivência. Por que ele consome drogas? Qual foi a motivação disso? Qual sua relação com sua família?
- A mídia tem que mostrar pra chamar a atenção das famílias, sociedade e dos governantes
- Eles simplesmente não apresentam respostas pq querem que o Estado faça isso

Você conhece alguém que já teve ou tem problemas com drogas ou abuso de remédios ?

Você conhece alguém que já teve ou tem problemas com drogas ou abuso de remédios ?

35 respostas

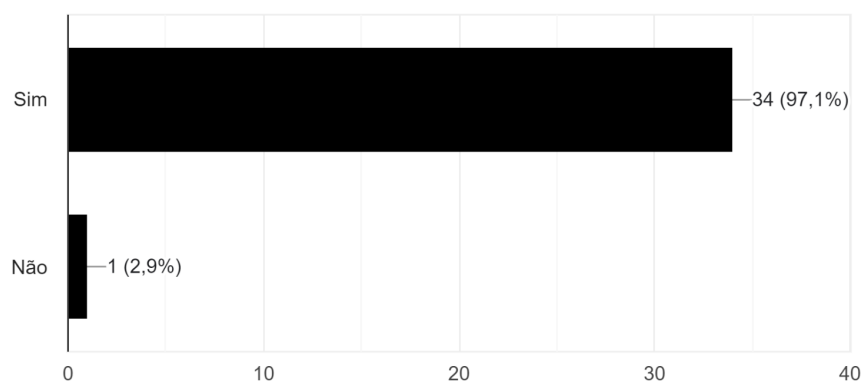


A ampla maioria das pessoas já conheceu alguém que teve ou tem problemas com drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Você já ouviu falar sobre a cracolândia ?

Você já ouviu falar sobre a cracolândia ?

35 respostas



Apenas uma pessoa nunca ouviu falar sobre a cracolândia.

Se sim, como você enxerga o papel da mídia no retrato da região ?

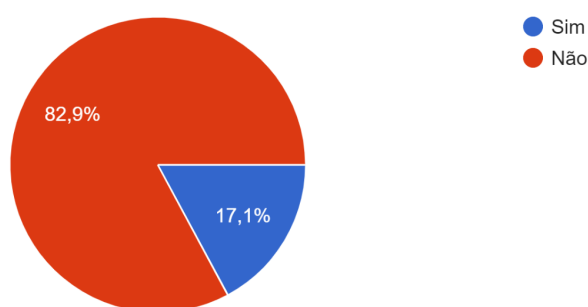
Abaixo algumas das respostas:

- Eu acho q é muito pouco falado, e quando mostram não é para ajudar e sim para falar q as pessoas são vagabundas
- Acredito que deveria mostrar mais essa realidade, para os jovens de hoje

- Extremamente superficial. Mas também, pela cidade/região que vivo, há muito mais estigmas em cima dessas pessoas. Apenas acadêmicos de jornalismo (com ênfase em alguma matéria social) se interessam em realizar um olhar mais direcionado a essas pessoas.
- Mostrar que também são humanos, e não "monstros" ou "zumbis", e que muitos estão lá por serem pessoas fragilizadas, não sabem ou não tem opção pra sair desse mundo.
- Retrato superficial
- Boa

Você consome programas policiais ?

Você consome programas policiais ?
35 respostas



29 consomem programas policiais e só seis não assistem

Como esses programas retratam os usuários de drogas ?

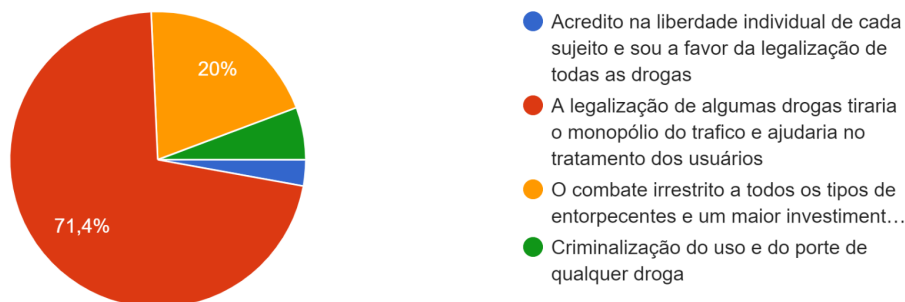
Algumas das respostas:

- Reforça o preconceito e a falta de políticas públicas
- Como indigentes
- Muitas vezes de forma criminosa
- Marginais, bandidos, ou pessoas que estão em uma posição de vício porque querem, sem considerar outros fatores vetores dessa condição
- Geralmente não os assisto, apenas acompanho por questões profissionais. Os usuários de drogas são tratados ora como criminosos, ora como pessoas sem direitos sobre si mesmos. Segue-se a linha policial para a cobertura
- Como sujeitos sem vida e muitos deles como bandido

Dentro dessas opções, qual você acredita ser a mais eficiente para combater a epidemia das drogas.

Dentro dessas opções, qual você acredita ser a mais eficiente para combater a epidemia das drogas.

35 respostas

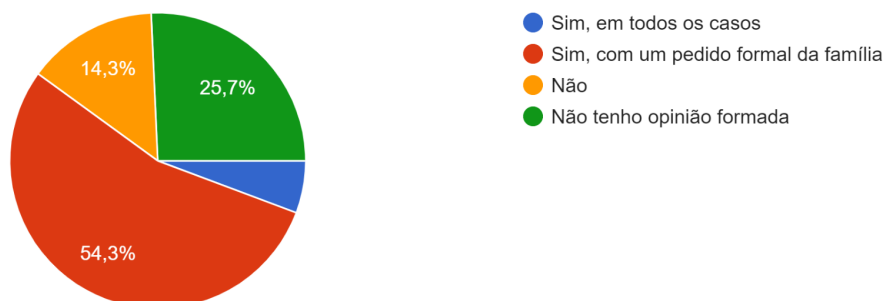


Essa resposta surpreendeu a quantidade de pessoas a favor da legalização de algumas drogas para tirar o monopólio do tráfico. Apenas 1 pessoa acredita que o caminho é a reafirmação da total liberdade individual e da legalização de todas as drogas. O combate irrestrito a todos os tipos de entorpecentes foi a segunda mais votada com cerca de sete pessoas tendo essa perspectiva. Duas pessoas são a favor da criminalização do uso e do porte de todas as drogas.

Você é a favor da internação compulsória ?

Você é a favor da internação compulsória ?

35 respostas



Esse foi o resultado mais inesperado e surpreendente de todo o questionário. Por viver e ter contato com pessoas do mundo universitário, acreditava que a

internação compulsória seria amplamente respondida, mas a maioria votou na internação compulsória com aval da família.

Acredito que o formulário serviu para elucidar a perspectiva da população, entendemos que é só um recorde pequeno, sobre o tema e as relações da mídia com o usuário de drogas. As questões dissertativas acabaram levando o público a responder as mesmas coisas nas 3 questões. Então devemos produzir outro formulário e reformular essas questões para nos aprofundarmos no tema.